



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 3, set.-dez. 2022

ANÁLISE CONTRASTIVA DE *POSTS* DO *INSTAGRAM* DOS PERFIS *CANETA DESMANIPULADORA* E *CANETA DESEQUERDIZADORA*: UM ENCONTRO ENTRE TERCEIRA ONDA VARIACIONISTA E ESCRITOS BAKHTINIANOS



CONTRASTIVE ANALYSIS OF *INSTAGRAM POSTS* FROM PROFILES *DEMANIPULATING PEN* AND *DELEFTIZING PEN*: A MEETING BETWEEN THIRD WAVE VARIATIONIST AND BAKHTINIAN WRITING

Thais Lara Costa MANHÃES
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcela Langa LACERDA
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 29/05/2022 • APROVADO EM 26/01/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v11i3.277>

Resumo

Considerando a existência de três ondas/fases de estudos variacionistas, este texto objetiva, no âmbito dos estudos de terceira onda (ECKERT, 2008; 2016; 2018; BAUMAN,

2001; IRVINE, 2001; ZHANG, 2005; dentre outros), em sua perspectiva discursiva (COUPLAND, 2001; 2007; dentre outros), em direto diálogo com os escritos bakhtinianos (BAKHTIN, 2002; 2011; VOLOCHÍNOV, 2013; dentre outros), realizar análise contrastiva do gênero *posts*, dos perfis (a) *Caneta Desmanipuladora* e (b) *Caneta Desesquerdizadora*, da rede social *Instagram*, considerando especificamente alguns casos assumidos neste texto como de *variação lexical*, a fim de argumentar que a relação que se estabelece entre estilo e variação estilística é contraída no âmbito dos gêneros do discurso. Esta investigação é de natureza qualitativa, de cunho interpretativista, e gera dados a partir de pesquisa bibliográfica e documental, considerando 06 publicações analisadas, 03 de cada perfil, coletadas no período entre março de 2020 e novembro de 2021. Os resultados da análise indicam: (a) *variação lexical* sendo condicionada local e discursivamente, no âmbito dos gêneros do discurso, tendo em vista a projeção de uma *persona* estilística que, na verdade, é do gênero, mas se realiza variavelmente de acordo com o texto de gênero; (b) significado social e discursivo de uma forma/função sendo conquistado de acordo com o *tom* do texto de gênero, totalidade de sentido que motiva os usos linguísticos; (c) prática de pesquisa, segundo a ótica da terceira onda variacionista, sob novas bases, a discursiva, dado o interesse mais proeminente da fase na explicação da vida social, e não na explicação do sistema linguístico.

Abstract

Considering the existence of three waves/phases of variationist studies, the objective of this text, within the scope of third wave studies (ECKERT, 2008; 2016; 2018; BAUMAN, 2001; IRVINE, 2001; ZHANG, 2005; among others), in its discursive perspective (COUPLAND, 2001; 2007; among others), in direct dialogue with Bakhtinian writings (BAKHTIN, 2002; 2011; VOLOCHÍNOV, 2013; among others), perform an analysis contrastive of the *posts* genre, of the profiles (a) *Caneta Desmanipuladora* and (b) *Caneta Desleftizadora*, of the social network *Instagram*, specifically considering some cases assumed in this text as *lexical variation*, to argue that the relationship established between style and variation stylistics is intrinsically related to the scope of discourse genres. This investigation is qualitative per se, interpretative in its core, and generates data from bibliographic and documentary research, considering 06 analyzed publications, 03 of each profile, collected between March 2020 and November 2021. The results of the analysis indicate: (a) *lexical variation* being conditioned locally and discursively, within the scope of discourse genres, given the projection of a stylistic *persona*: that is of the genre: it does, however, takes place variably according to the genre text; (b) social and discursive meaning of a form/function being conquered according to the *tone* of the genre text, totality of meaning that motivates linguistic uses; (c) research practice, from the perspective of the third variationist wave, under new bases, the discursive one, given the more prominent interest of the phase in the explanation of social life, and not in the explanation of the linguistic system.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Terceira onda variacionista. Variação estilística. Gêneros do discurso. *Persona* estilística.

Keywords: Third wave variationism. Stylistics variation. Genres of discourse. Stylistics *persona*.

Considerações Iniciais¹

Ao longo de mais de 60 anos de trabalho, a Sociolinguística Variacionista (doravante SV) tem passado por uma série de revisões de cunho teórico-metodológico. Há, hoje, no campo, como consequência dessas revisões, diferentes tradições de pesquisa, ou três ondas/fases de estudos variacionistas (ECKERT, 2005; 2012; 2016; 2018), que não são excludentes e/ou se ordenam temporalmente – embora sigam uma certa ordem cronológica (LACERDA; GÖRSKI, 2022) –, mas coexistem e avançam teórico-metodologicamente o campo a partir de diferentes interesses de pesquisa, “porque cada uma representa uma maneira de pensar sobre a variação e uma prática metodológica e analítica” (ECKERT, 2005, p. 1).

A terceira onda dos estudos variacionistas, nesse contexto, também podendo, em linhas gerais, ser referida como uma abordagem estilística ou como abordagens *Speaker Design* (referida no plural)², não se organiza em torno de uma teoria muito bem delimitada, mas em torno de temas de trabalho que podem demandar diferentes ancoragens conceituais, uma vez que, em seu âmbito, há convergência entre pressupostos sociolinguísticos e antropológicos, de modo mais explícito, e entre pressupostos sociolinguísticos e discursivos, de modo menos evidente, a depender dos autores de referência, ambos os diálogos com foco na teorização da/sobre a prática social, e não na teorização do/sobre o sistema linguístico, tal como ocorre com os estudos de primeira onda variacionista³. Logo, a terceira fase está associada a diversos autores e práticas de pesquisa, embora todos, pelo que se compreende até aqui, partilhem da mesma epistemologia.

Nesse cenário, a concepção de *variação estilística* é ressignificada no campo, pois deixa de ser tópico de investigação secundário/um dos tópicos da pesquisa variacionista, conforme delimitações labovianas, e passa a ser tópico central de pesquisa, nos *estudos de terceira onda* (doravante ETO), havendo, então, três

¹ Uma versão deste texto foi apresentada ao Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como trabalho de conclusão de curso da primeira autora, sob supervisão da segunda autora.

² Schilling (2013, p. 342) usa os termos *terceira onda* e *abordagens Speaker Design* da variação estilística como termos alternativos – “terceira onda /abordagens *Speaker Design* da variação estilística” –, de modo que estamos compreendendo, tal como Bragança (2017), que explanar as abordagens *Speaker Design* equivale a explanar a própria terceira onda variacionista. Quando fizermos referência, neste texto, à terceira onda, portanto, estamos fazendo a partir dessa perspectiva e retomando os estudos aqui investigados e citados, sem pretensão de promover generalizações quanto ao que seja a terceira onda variacionista, dada a sua complexidade.

³ Por convenção, estamos nos referindo aos estudos de primeira onda como *estudos labovianos* ou *estudos variacionistas clássicos*, ressaltando o fato de que nem todos os trabalhos de Labov ou de orientação laboviana são de primeira onda: para Eckert (2005), a pesquisa de Labov (1963), em Martha’s Vineyard, caracteriza-se como sendo de segunda onda, enquanto o estudo sobre a Estratificação Social do Inglês de Nova York (LABOV, 2006) seria o marco dos estudos de primeira onda (ECKERT, 2005; 2012; 2016), mais voltados para a busca por “padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas, por meio da coleta de dados em comunidades de fala estratificadas a partir de categorias sociodemográficas extensas” (SOUZA-SILVA; LUCENA, 2021, p. 181).

diferentes abordagens de investigação estilística, cada uma delas correspondendo aos interesses das diferentes fases do campo: (a) a *Attention to speech*, (b) a *Audience Design* e (c) as abordagens *Speaker Design*⁴.

No centro da análise da *variação estilística*, no âmbito dos ETO, parece estar, enquanto categoria teórica, a perspectiva pessoal (avaliação) do falante sobre si, sobre o outro e sobre os objetos de discurso (aquilo de que se fala); parece estar, portanto, a *posição de sujeito* assumida em cada atividade interacional, isso não significando que a literatura em questão exclua a influência, nos sujeitos, de macrocategorias sociais, conforme se explica ao longo deste texto. Com isso, a *variação*, sendo vista, em primeiro plano, como recurso para refletir/projetar identidades (também chamadas de *personas estilísticas*) (ECKERT, 2008), passa a ser analisada em função dos discursos assumidos pelos sujeitos, tomados como índices de uma forma de se estar no mundo.

É, pois, a partir dessa ótica epistemológica que o campo variacionista, em parte dos ETO – porque, reitera-se, no âmbito desses estudos, tudo depende do autor que se toma como referência –, passa a entrar em direto diálogo com um profícuo campo dos estudos do discurso, os Escritos do Círculo de Bakhtin (doravante ECB), e, justamente por essa aproximação, os gêneros do discurso parecem ganhar um novo estatuto teórico-metodológico na análise variacionista, a ponto de esse filósofo russo ser apontado como “um arauto da sociolinguística moderna” (BELL, 2001, p. 143)⁵. Os ECB, também rejeitando concepções empiristas e imediatistas (ZANDWAIS, 2005), por exemplo, compreendem que o *homem*, ou melhor, que o sujeito de discurso, “não pode ser definido como pessoa” (BAKHTIN, 2011, p. 191), empiricamente, “mas como ponto de vista que se assume [sobre o mundo]” (LACERDA; GÖRSKI, 2022), em cada situação de interação com outros pontos de vistas.

Conforme apresentaremos ao longo deste texto, os ETO em relação aos estudos variacionistas clássicos (no âmbito dos quais está a abordagem *Attention to speech* de *variação estilística*), parecem evocar uma diferente concepção de língua, porque agora ela é tomada como “parte de um sistema social semiótico capaz de expressar toda a extensão dos interesses sociais de uma comunidade” (ECKERT, 2012, p. 94). Esse novo olhar também evoca uma diferente concepção de sociedade, teorizada agora em função das mudanças sociais que marcam o nosso tempo, o tempo da modernidade tardia, marcado por novos modos de vida, novas agendas políticas e movimentos sociais, no contexto de uma “pluralidade de reivindicações” (GIDDENS, 1991, p. 9), dentre elas, a do próprio direito de ser e de dizer (BRAGANÇA, 2017).

⁴ Este texto toma como objeto de reflexão as abordagens *Speaker Design*, conforme se apresenta a seguir. Para informações sobre as abordagens *Attention to speech* e *Audience Design*, cf., respectivamente: Labov (2008; 2001) e Bell (1984) - ou a explanação resumida sobre elas em Bragança (2017).

⁵ Vale destacar, nesse ponto, que Allan Bell (1984) é considerado um dos representantes da abordagem *Audience Design*, e que as críticas conferidas aos trabalhos desse autor foram uma das pontes para o desenvolvimento dos ETO. Para uma discussão crítica sobre a segunda fase dos estudos variacionistas, cf. Coupland (2001), Schilling-Estes (2007) e Schilling (2013).

É nesse contexto de discussões que este texto, dando continuidade a pesquisas anteriores⁶, objetiva, a partir de uma certa literatura de ETO, considerando concepções de variação estilística, realizar análise do gênero *posts*, dos perfis (a) *Caneta Desmanipuladora* e (b) *Caneta Desesquerdizadora*, da rede social *Instagram*, a fim de argumentar que a relação que se estabelece entre estilo e variação estilística é contraída no âmbito dos gêneros do discurso.

A seguir, o texto está assim organizado: na primeira seção, discorre-se sobre alguns conceitos e pressupostos dos ETO, considerando a concepção de variação estilística praticada; na segunda seção, apontam-se os procedimentos metodológicos adotados para realização da análise proposta; na terceira seção, os resultados da análise são apresentados e discutidos; e, por fim, na quarta seção, tecem-se algumas considerações finais sobre a pesquisa realizada.

1. Algumas concepções dos ETO

Para as discussões desta seção, cujo objetivo é retomar alguns conceitos e pressupostos teóricos dos ETO (para compreender a concepção de estilo e de variação estilística no âmbito desses estudos praticada e, com isso, a relação estabelecida entre estilo, variação estilística e gêneros do discurso), toma-se como referência as considerações de Eckert (2000; 2005; 2008; 2012; 2016; 2018), Irvine (2001), Bauman (2001), Coupland (2001; 2007), Silverstein (2003), Zhang (2005), Schilling (2013), Bragança (2017), Mendes (2017), Borges Nunes de Souza e Lopes (2020; 2021) e Lacerda e Görski (2022).

De acordo com Lacerda e Görski (2022), nos ETO, como já mencionado, há uma nova coalizão de autores, dentre os quais, Eckert, Coupland, Gal, Irvine, Rickford, Podesva e Zhang, considerados “o coração da terceira onda” (ECKERT, 2018, p. 125) e que estão em contato direto com o campo da linguística antropológica ou com o da linguística discursiva. Nesses estudos, estão indicadas as seguintes noções, dentre outras: prática estilística, agentividade dos falantes, identidade/*persona* estilística, campo indexical e ideologia. Essas noções, portanto, são, a seguir, explanadas, com o objetivo de subsidiar algumas considerações sobre a concepção de estilo, nos ETO, para argumentarmos, na sequência, sobre a estreita relação entre estilo e gêneros do discurso, tomando esses últimos sob a perspectiva dos ECB.

Nos ETO – fase identificada como a *perspectiva estilística* (ECKERT, 2005) da variação – uma noção fundamental é justamente a de *prática estilística*: uma prática ideológica e socialmente distintiva, operante em diversos níveis do sistema semiótico (que acomoda elementos como: gestos, posturas, vestuário e hábitos de lazer) (IRVINE, 2001), dentre os quais, a língua, promovendo a possibilidade de os sujeitos passarem a se diferenciar socialmente, justamente porque “todas essas

⁶ Este texto representa uma continuidade da pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica - Edital 2020/2021, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), intitulada “Revisitando articulações teórico-metodológicas para o tratamento de fenômenos em variação/mudança” (MANHÃES, 2021). Nesse trabalho, o foco esteve na pesquisa bibliográfica, estando a análise de dados a serviço de uma breve ilustração da discussão teórica empreendida. Neste texto, a prioridade se inverte, estando nosso foco na análise de dados. Para mais informações sobre o trabalho anterior, cf. Manhães (2021), disponível em: <https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/desc.php?&id=16959>.

práticas [em conjunto] dão sentido a quem eles são” (ZHANG, 2005, p. 456). Por essa razão, pode-se considerar que os fenômenos variáveis passam a ser vistos como efeito/resultado dessa atividade (estilística), ou, em outros termos, como efeito/resultado de posturas ideológicas assumidas em cada ato/atividade social (MENDES, 2017), uma vez que os objetivos sociais são passíveis de serem atualizados a cada interação (SILVERSTEIN, 2003).

Por assim ser é que os *significados sociais* das variantes não são vistos como estáticos, ou associados, de modo previsível, a grandes grupos, já que são considerados, em termos potenciais, como variáveis e modificáveis (SILVERSTEIN, 2003) em cada prática. Se por um lado, podem ter um significado mais geral, semantizado, por outro lado, podem ser constantemente ressignificados, atualizados, especificados em contextos (sociocomunicativos) particulares, isto é, “em seu contexto estilístico” (ECKERT, 2016, p. 6-7), de acordo com os aspectos que constituem particularmente a interação, em contraste com outras interações reais ou pressupostas, e de modo que cada variável se associa a uma constelação de significados correlacionados (indexicalizados), sejam eles positivos/prestigiados, negativos/estigmatizados (BORGES NUNES DE SOUZA; LOPES, 2020) ou ainda uma série de outros significados, para além dos polos *positivos/prestigiados* e *negativos/estigmatizados*.

Toda essa discussão sobre os significados sociais das variantes põe em evidência, então, duas das principais noções teóricas dos ETO:

- (i) *agentividade dos falantes*, visto que o sujeito de discurso precisa se posicionar no quadro da paisagem sociocultural, construindo e projetando uma *identidade (persona estilística)* (ECKERT, 2008, p. 243), segundo as posturas que mobiliza a cada ato/atividade social (MENDES, 2017), em contextos (estilísticos) de uso específicos (LACERDA; GÖRSKI, 2022. Com isso, pode-se dizer que ao assumir uma identidade, assume uma postura a cada atividade interacional, uma vez que, nos usos linguísticos, os sujeitos projetam não mais uma identidade atrelada a uma estrutura ou organização social (sendo essa determinante daquela), mas podem projetar, potencialmente, *diversas identidades*, a depender do contexto interacional e das intenções dos falantes, em cada um deles, levando em conta que os objetivos sociais podem ser atualizados (SILVERSTEIN, 2003) a cada enunciação⁷; e
- (ii) *identidade/persona estilística* – foco de investigação dos ETO (ECKERT, 2008, p. 243), que consiste em uma identidade social projetada nos usos linguísticos, conforme o “senso de lugar no mundo social” (ECKERT, 2005, p. 17), e não exclusivamente de acordo com o lugar que se encontra no mundo empírico (físico). É tendo isso em mira que, nos ETO, o que importa para a análise da variação estilística e para a

⁷ Enunciado/enunciação, neste texto, são considerados termos alternativos para fazer referência à unidade concreta e real da comunicação, um todo de sentido constituído de duas dimensões (verbal e social), conforme literatura dos ECB.

investigação do significado social da variação já não é a empiria do sujeito, mas a *persona estilística* projetada discursivamente (ECKERT, 2000; 2008; BRAGANÇA, 2017), conforme se depreende da literatura examinada, embora essa última também se constitua em relação àquela⁸.

Disso resulta que os significados de uma variante podem ser variáveis, especificando-se apenas no uso situado (ECKERT, 2008; BORGES NUNES DE SOUZA; LOPES, 2020). Por exemplo, um pequeno grupo social pode indexicalizar sentidos positivos para uma variante estigmatizada por outros grupos, buscando, com isso, marcar a sua identidade social e subverter o jogo discursivo, em prol de seus interesses – contexto em que, criativamente, a forma é valorada de modo inesperado (BORGES NUNES DE SOUZA; LOPES, 2020). Nessa direção, os ETO rejeitam uma associação unidimensional entre forma e valor, ou melhor, entre traços linguísticos e determinados valores mais estáveis (do tipo prestígio/estigma), movimento típico dos estudos clássicos do campo variacionista⁹, porque, no interior de grandes grupos, os sujeitos, a despeito de algo que, de fato os une, podem apresentar singularidades; então, de outro modo, entendem que a forma é valorada em seu contexto, dado que é no interior de práticas específicas que essas correlações devem ser buscadas (BRAGANÇA, 2017).

A título de exemplificação, Eckert (2008) cita o estudo de Campbell-Kibler (2007), que observa o uso particular da variável -ING do inglês estadunidense entre estudantes universitários, considerando duas variantes: uma velar (-ing) e uma alveolar (-in) (variante apical). No estudo em questão, a pesquisadora concluiu que (a) a pronúncia velar estava associada a significados sociais positivos (tais como educação, inteligência e poder de articulação), e, por oposição, (b) a pronúncia alveolar/apical era associada a significados sociais negativos (tais como falta de esforço, preguiça, rebeldia e falta de polidez), o que ocorria sobretudo em contextos associados à fala de pessoas negras.

Contudo, o estudo também demonstrou que o uso da mesma variante alveolar (-in), noutros contextos, podia indexicalizar significados sociais positivos, principalmente em comunidades de pessoas negras, em que o uso alveolar indicava, na verdade, uma pessoa mais calma/despreocupada. Vale observar a proposta de campo indexical de Eckert (2008) para essas variantes, a partir do estudo de Campbell-Kibler (2007), destacando-se ainda a possibilidade de esses significados poderem se atualizar, a depender da prática social em que a forma é analisada:

⁸ Embora não seja nosso foco de discussão refletir sobre a relação entre *sujeito empírico* e *sujeito de discurso*, um importante ponto a ser considerado no âmbito dos estudos variacionistas, remetemos o leitor para a discussão promovida por Bakhtin (2014), sobre a relação entre *mundo representante* e *mundo representado*. Tal como nessa discussão bakhtiniana, entendemos que aquela evoca o seguinte raciocínio: esses dois mundos/tipos de sujeitos, embora não se confundam, estão indissolivelmente ligados, “semelhante ao metabolismo que ocorre entre um organismo vivo e o seu meio ambiente: enquanto o organismo é vivo, ele não se funde com esse meio, mas se for arrancado, morrerá” (p. 358).

⁹ Cf. a relação entre formas linguísticas e avaliação social, que enseja a seguinte classificação dos tipos de recursos linguísticos envolvidos nos processos de *variação* e mudança: marcadores, indicadores e estereótipos (LABOV, 2008).



Figura 1 – Campo Indexical de -ING (baseado em Campbell-Kibler 2007).
Fonte: ECKERT, 2008, p. 466.

A consequência de se operar com essa perspectiva de que uma mesma variante, dependendo do contexto (estilístico), pode indexicalizar “múltiplos significados sociais” (positivos vs. negativos) (MENDES, 2017, p. 117) é a de que a variação, vista como um sistema indexical, aponta para a incorporação da ideologia na língua, no processo que correlaciona forma e significado social (ECKERT, 2008), por meio da interpretação (/avaliação) dos indivíduos; e a língua, por sua vez, integra a construção da ideologia, e, enquanto parte integrante desta, pode ser utilizada para transmitir certos interesses sociais (BORGES NUNES DE SOUZA; LOPES, 2020).

A seguir, especificam-se outros pontos sobre a concepção de estilo e de variação estilística, no âmbito dos ETO.

1.1 A concepção de estilo e de variação estilística nos ETO

Pelo que se compreendeu da literatura revisada, pode-se inferir que os ETO, considerando as concepções citadas precedentemente, não fazem separação entre variação estilística e variação social (essa última tomada como a variação linguística propriamente dita), típica dos estudos clássicos do campo, pois assumem que a variação linguística é sempre estilística, e que ela não apenas reflete os significados sociais, mas os (re)constrói (ECKERT, 2000; LACERDA; GÖRSKI, 2022), justamente porque a língua, sendo tomada como um sistema sócio-semiótico (ECKERT, 2012), conforme se observou anteriormente, precisa ser vista (mais do que como uma estrutura regular) como uma estrutura movente. Por isso, a variação estilística, pertencente a um sistema sócio-semiótico, caracteriza-se como recurso para projeção de identidades sociais e de posicionamentos.

É nesse sentido que, de tópico secundário, na pesquisa variacionista clássica, a variação estilística passa a ser a mais central das questões, no âmbito dos ETO, o que ocorre principalmente por conta do papel que o indivíduo desempenha nessa fase, de modo que a separação entre indivíduo e sociedade já não se sustenta, uma vez que indivíduo e sociedade, aqui, estão articulados, como duas faces de uma mesma moeda. Em vista disso, pode-se considerar que indivíduo e sociedade estão em relação de mútua constitutividade, a partir da linguagem, e,

frente a essa relação, admite-se, nos ETO, que a língua tem duas faces (a social e a individual, que apontam, respectivamente, para a regular e a emergente), de modo inseparável, embora agora o foco esteja na face emergente de contextos interacionais específicos.

Sendo assim, o redimensionamento do papel do indivíduo na terceira onda variacionista, em relação às abordagens anteriores, parece se justificar por duas diferentes vias, que acionam dois importantes pressupostos assumidos por essa fase, a saber, as noções teóricas de *agentividade dos falantes* e de *prática estilística*, conforme discussão precedente.

Além disso, língua passa a ser concebida também como uma prática social, que participa da construção da ideologia, e essa, por seu turno, é inerente a todo ato linguístico, na medida em que, como explica Eckert (2008), encaixa-se na língua a partir de campos (sistemas) indexicais. Assim, é justamente por se afastar de uma concepção ainda estrutural de língua¹⁰ que os ETO passam a convocar, como objeto de investigação, não a variável linguística em si, mas o estilo (TAGLIAMONTE, 2012), de modo geral, concebido como “um conjunto de recursos que produzem significado social e, por isso, participam do processo de constituição/diferenciação identitária” (BRAGANÇA, 2017, p. 324), e o estilo linguístico, de modo particular.

Desse conjunto de concepções, emerge a premissa de que o estilo, nos ETO, é, ao mesmo tempo, essencialmente social e individual, já que “tem origem no conteúdo” (ECKERT, 2008, p. 456), ou seja, na ideologia, na posição valorada do sujeito sobre o mundo, considerando a dimensão que a linguagem assume nessa relação (GRIGOLETTO, 2005). Por esse princípio, segundo Coupland (2001), as variantes estilísticas são funcionalmente diferentes, e não devem ser vistas como modos diferentes de se dizer uma mesma coisa, porque, nem em termos de significado referencial, essa visão se sustenta, uma vez que até esse tipo de significado, nessa concepção epistemológica, é repleto de implicações ideológicas – ou de conotações contextuais e ideológicas (ECKERT, 2008) que penetram, por dentro, o significado dos recursos linguísticos. Nessa direção, pode-se concluir que as diferentes maneiras de dizer são, na verdade, “sinais de diferentes modos de ser” (ECKERT, 2008, p. 456), tendo em mira que, é por meio desses modos de falar/escrever que os sujeitos podem experimentar diferentes práticas socioculturais (BRAGANÇA, 2017), dentre elas, a linguística.

A consideração de Eckert (2008) de que o estilo tem origem no conteúdo parece decorrer, em grande medida, da própria concepção de língua que é assumida por essa abordagem, e, no seu âmbito, a visão de que ela, sendo concebida como um fenômeno discursivo e ideológico, é permeada de valores e intenções (BRAGANÇA, 2017). Assim, pode-se dizer que o estilo é um recurso para ativarmos sutilmente “múltiplas dimensões simultâneas do significado potencial” das formas linguísticas (COUPLAND, 2001, p. 209). Subjacente a esta conclusão, portanto, está a compreensão de que, nos ETO, não se fala em estilos de contextos, mas sim em processos de contextualização, em estilo criando o contexto e a ele

¹⁰ Nesse ponto, estamos nos baseando em Camacho (2013), para quem o caminho teórico instaurado por Weinreich, Labov e Herzog “harmoniza os fatores empíricos da heterogeneidade com o procedimento epistemológico de uma abordagem estrutural” (CAMACHO, 2013, p. 100; grifo nosso). Para mais informações sobre a aceção de “estrutural”, nesse excerto, cf. o próprio autor.

respondendo (COUPLAND, 2007), constituindo-se, desse modo, em uma atividade, em uma prática de natureza discursiva (BAUMAN, 2001; COUPLAND, 2007).

O que nos interessa dessa perspectiva, a fim de já avançarmos para as discussões do próximo ponto deste texto, é a explicação sobre o “poder das práticas locais e dos sujeitos” (BRAGANÇA, 2017, p. 393): no interior delas, há uma lacuna entre o convencional e o emergente, preenchida a partir da negociação (agentiva) dos sujeitos, para construção de significados sociais e de identidades, conquistadas em cada prática. Por tudo isso, pode-se dizer que estilos diferentes apontam para um preenchimento diferente dessa lacuna, para representações diferentes, e que o estilo, por ser assumido como um fenômeno distintivo, nos ETO, está em contraste com outros estilos, assim como o significado social de determinados recursos linguísticos, como os recursos variáveis, mantêm contraste com o de outros numa “semiose social de distintividade” (IRVINE, 2001, p. 23).

Das discussões até aqui empreendidas, depreende-se que, dada a centralidade do indivíduo, o foco dessa fase variacionista não está mais sobre o que a variação pode dizer sobre a mudança linguística, tal como na abordagem variacionista clássica, mas no que ela pode dizer sobre a organização social (ZHANG, 2005), sobre o modo como diferentes grupos, no âmbito de suas práticas (sempre estilísticas), organizam-se, posicionam-se e estabelecem relações ideológicas com outros grupos e/ou com indivíduos do mesmo grupo, a partir de diferentes sistemas ideológico-culturais que se encontram na paisagem social (BRAGANÇA, 2017).

1.2 A relação entre estilo, variação estilística e gêneros do discurso

Como vimos argumentando ao longo da seção anterior, segundo uma certa literatura dos ETO, o estilo linguístico tem origem no conteúdo (ou seja, na ideologia) (ECKERT, 2008), e a variação estilística (re)constrói (e não reflete) os significados sociais (ECKERT, 2000), por ser tida como um recurso para expressar “a extensão dos interesses sociais de uma comunidade” (ECKERT, 2012, p. 94); e, por essa razão, o foco de análise dessa fase reside no significado social da prática linguística, cuja motivação está em posicionamentos identitários (ECKERT, 2008).

Reconhecendo que o ser humano é um ser de cultura, admite-se que ele é puro valor e, por isso, avalia tudo, no âmbito de uma prática estilística qualquer, acomodando-se a aspectos socioculturais que já são relativamente estabilizados e, também, inovando/contestando e/ou burlando-os, diante das demandas contextuais. Por esse motivo, o estilo vive numa “relação dialógica com o contexto” (COUPLAND, 2007, p. 18).

Frente a essas considerações, pode-se dizer que os ETO se aproximam dos ECB na concepção epistemológica de que é no interior de práticas específicas que o indivíduo pode assumir uma postura, frente ao domínio cultural que o circunda. Além disso, se aproximam também quando concebem que os sujeitos inseridos em domínios, campos ou esferas culturais específicas¹¹ significam e representam a experiência sócio-histórico-cultural de uma dada maneira (BRAGANÇA, 2017; LACERDA; GÖRSKI, 2022), neste ponto, importando a perspectiva dos ECB de que,

¹¹ Tomamos os termos *domínios*, *campos* ou *esferas* culturais como termos alternativos. Usaremos, contudo, o termo *esfera* daqui para frente, em conformidade com os ECB.

justamente por isso, cada domínio “organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação, sua *estrutura tipo*, que chamaremos a partir daqui de gênero” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 159; grifo do autor), um indicativo de que os usos linguísticos estão circunscritos a determinadas esferas.

É nesse sentido que os gêneros do discurso, como formas típicas de enunciados concretos de diferentes esferas da atividade humana, são produtivos para os estudos variacionistas, uma vez que são “formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo [do enunciado]” (BAKHTIN, 2011, p. 282), ou, dito de outro modo, “um tipo específico de atividade [...] que incorpora uma percepção específica da experiência [de domínios culturais]” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 299). Nos termos de Bakhtin (2011, p. 283):

[...] *aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso [...].* (BAKHTIN, 2011, p. 283; grifo nosso).

Dessas discussões, pode-se depreender que é, pois, no âmbito das esferas culturais e, dentro delas, pelos gêneros do discurso, que os sujeitos se realizam, ao mesmo tempo:

- (i) evocando posturas inscritas (historicizadas) típicas de cada gênero, porque esses funcionam como baliza coercitiva ou normativa para o dizer social, uma vez que os gêneros não são criados pelos indivíduos, mas dados a eles, quase que da mesma maneira que as formas da língua – e, por isso, tanto as formas do sistema da língua quanto as formas típicas de enunciado (os gêneros do discurso) chegam à consciência dos indivíduos fortemente vinculadas (BAKHTIN, 2011, p. 283);
- (ii) atuando, no sentido de promover inovações, considerando que os gêneros do discurso, além de se caracterizam pelos aspectos precedentes, também diferem consideravelmente das formas linguísticas, no que tange aos critérios de estabilidade e normatividade, pois são bem mais flexíveis, livres e plásticos (BAKHTIN, 2011) que elas, já que mantém estreito vínculo com as circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas que orientam o discurso e o constituem; nesse sentido, “a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo de comunicação social” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 200) e, por isso, eles são sensíveis a quaisquer alterações sociais, registrando-as em todas as suas dimensões constitutivas. Sendo o estilo uma dessas dimensões – uma vez que, conforme os ECB, o estilo é do gênero, isto é, dos modos sociais de dizer (BRAGANÇA, 2017) –, os gêneros do discurso parecem ganhar

centralidade na investigação de fenômenos variáveis, em alguns ETO.

Conforme argumenta Bragança, considerar que o estilo é

dos tipos relativamente estáveis de enunciado, não significa dizer que o estilo (e, conseqüentemente, a relação entre forma e função¹²) seja um aspecto do discurso definido *a priori* – o estilo do gênero (tal como o próprio gênero) em parte orienta (e até determina, em alguns casos) o dizer social, mas também é uma conquista de cada ato linguístico. Com isso, a própria associação entre formas e funções deve ser buscada no âmbito de práticas sociais específicas – embora algumas práticas sejam mais estáveis que outras, podendo, assim, também haver associações mais estabilizadas (relativamente) entre formas e funções. (BRAGANÇA, 2017, p. 655, grifo da autora).

Frente a essa compreensão, pode-se dizer que o estilo nasce/resulta de uma postura dinâmica, agentiva e criativa do sujeito de discurso inscrito e atualizado no gênero, já que esse sujeito não apenas retoma, não apenas responde, mas também é sempre evêntico na enunciação, o que significa que não necessariamente se acomoda a uma dada configuração contextual prevista, mas também contesta e cria o contexto, por meio de processos de contextualização (de estilos) (COUPLAND, 2007).

Nessa direção, está a compreensão de que, se, em cada gênero, há sujeitos/posturas inscritas (historicizadas), embora, por serem os gêneros do discurso flexíveis, livres e plásticos (BAKHTIN, 2011), o modo de realizar esses sujeitos (e todas as categorias constitutivas dos gêneros) seja variável, tem-se uma lacuna, entre gênero (modo relativamente estável de dizer) e texto de gênero (unidade evêntica produzida por cada sujeito), que só pode ser preenchida variavelmente pelo sujeito no jogo discursivo (BAUMAN, 2001), conforme já destacado precedentemente.

Assim, entende-se que nem os gêneros, nem o estilo dos gêneros (estando, no âmbito desse, as formas e funções) são sempre os mesmos, já que o uso linguístico é sempre *performático* (uma atividade atualizável), embora todos esses aspectos (os gêneros, as formas e as funções) sejam também relativamente estáveis. Sendo assim, para essa concepção dos ETO, é importante entender os fenômenos variáveis no âmbito da configuração estilístico-composicional da enunciação, pois eles são recursos dessa, motivados por ela, e por isso, os gêneros do discurso parecem ser tão produtivos para a compreensão de fenômenos variáveis.

2. Metodologia

A fim de operacionalizar a discussão teórica precedente, realizou-se uma breve análise contrastiva, para ilustrar o tipo de análise que se pratica e interessa (mas não exclusivamente) a uma certa literatura de ETO, de base discursiva,

¹² Neste texto, não refletimos sobre o aspecto funcional das formas, por questões de espaço.

levando-se em conta que o foco, agora, é o estilo, que, apesar de ser definido, segundo os ECB, como “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais [da enunciação]” (BAKHTIN, 2016, p. 12), ultrapassa esses limites, na literatura examinada, sendo, pois, primeiro uma “visão de mundo[,] e só depois é o estilo da elaboração do material” (BAKHTIN, 2011, p. 187), tanto para os ECB quanto para os ETO. Como argumentamos neste texto que o estilo é dos gêneros do discurso, esses são considerados o próprio *locus* desta investigação.

Esse tipo de análise parece ser produtivo aos ETO porque favorece a observação de como um *discurso* é projetado (/textualizado) em relação a outro, podendo o analista, com isso, observar a organização estilística levando-se em conta a relação dialógica que um discurso mantém em relação a outro (porque o *discurso* é uma orientação para a realidade; porque um discurso sempre se constitui em relação a outro, tal como o estilo). É justamente por esse motivo que as análises contrastivas parecem ser uma exigência epistemológica para os ETO¹³.

Dentre os caminhos propiciados pela análise contrastiva (na qual se poderia, por exemplo, contrastar gêneros diferentes) nos ETO, optou-se, neste trabalho, por analisar contrastivamente um mesmo gênero, da mesma esfera, qual seja, o gênero “*post* em Instagram”¹⁴, da esfera jornalística (em meio digital), a fim de captar como, na textualização de um mesmo gênero há espaço para variação, uma vez que diferentes *personas* podem motivar a variação linguística.

Considerando o objetivo deste texto, que é, por meio de análise documental, argumentar que a relação que se estabelece entre estilo e variação estilística é contraída no âmbito dos gêneros do discurso, examinam-se também a relação entre formas de fenômenos variáveis¹⁵, dos perfis (a) *Caneta Desmanipuladora*¹⁶ e (b) *Caneta Desesquerdizadora*¹⁷, observando-se a variação lexical.

A *Caneta Desmanipuladora*¹⁸, criada em maio do ano de 2016, por um certo grupo político de esquerda, do Rio de Janeiro, surgiu com a proposta de “rabiscar” títulos de matérias jornalísticas de um certo grupo de direita, delatando o que considera ser uma manipulação discursiva, ou seja, o que entendem se tratar de uma informação manipulada pela imprensa. Com a repercussão de suas publicações “desmanipuladoras”, cerca de dois meses após sua criação (entre julho e agosto do mesmo ano), o grupo obteve como contraparte a emergência de outro

¹³ Cf., por exemplo, os seguintes estudos: “(i) os *jocks* e os *burnouts* (ECKERT, 2000); (ii) os profissionais de empresas estrangeiras e os profissionais de empresas estatais (ZHANG, 2005); (iii) as diferentes castas entre os falantes de Wolof (IRVINE, 2001); (iv) os gêneros do discurso “call” e “spiel” (BAUMAN, 2001)” (BRAGANÇA, 2017, p. 508). E embora Eckert (2018) situe o estudo sobre os *jocks* e os *burnouts* no escopo da segunda onda variacionista, podemos também considerar que há elementos nele que o aproximam dos ETO.

¹⁴ Neste texto, seguimos a proposta de Gregol, Bilhar de Souza e Costa-Hübes (2020), baseada em concepções dos escritos bakhtinianos, de que “*post*” em mídia social é um gênero.

¹⁵ Atenção: por conta da literatura selecionada, não estamos tratando de fenômenos clássicos, nem adotando a forma clássica de se analisar fenômenos variáveis, mas estamos projetando um tipo de análise que também pode ser realizada no âmbito dos ETO, conforme estamos compreendendo a literatura examinada.

¹⁶ Cf. o perfil em: <https://www.instagram.com/canetadesmanipuladora/>.

¹⁷ Cf. o perfil em: <https://www.instagram.com/desesquerdizada/>.

¹⁸ Cf. Ficha Técnica do perfil *Caneta Desmanipuladora*, no Museu de Memes, da Universidade Federal Fluminense (UFF), em: <https://museudememes.com.br/collection/caneta-desmanipuladora>.

perfil nas redes sociais, surgindo, então, a *Caneta Desesquerdizadora*, de um certo grupo político de direita, com proposta semelhante ao opositor.

Para a análise, selecionaram-se 06 publicações (03 de cada perfil), coletadas no período de março de 2020 a novembro de 2021, que compreende o período de início das restrições sanitárias impostas pela pandemia do coronavírus (COVID-19), pois, neste trabalho, assume-se o pressuposto de que tais publicações, tendo em vista a tensão e rivalidade instauradas na política-partidária brasileira (e mundial), por conta do contexto pandêmico, podem indiciar discursos e estilos fortemente antagônicos. Os resultados estão descritos a seguir.

3. Resultados e discussão

Das discussões anteriores já se apresentou que a *persona*¹⁹ (uma identidade ou uma orientação para a realidade que se assume no interior de práticas específicas), considerando uma certa literatura dos ETO, está inscrita nos gêneros e que, justamente por esse motivo, muito embora os gêneros indiciem um tipo de *persona*, os modos de realizá-las não são os mesmos. Subjacente a essa compreensão, está a premissa de que, ainda que a esfera e o gênero sejam os mesmos, a *persona* pode assumir tons diferentes, a ponto de atualizar tanto um quanto outro.

Focalizando o gênero em tela, “*post* em Instagram”, pode-se afirmar que os dois perfis analisados, (a) *Caneta Desmanipuladora* e (b) *Caneta Desesquerdizadora*, tentam construir a imagem de um texto jornalístico, embora não se trate de um texto jornalístico clássico, por conta, inclusive, do lugar de veiculação do *post*. Assim, inspirados no tom jornalístico, esses *posts* reescrevem (“rabiscam”) notícias jornalísticas clássicas, segundo a orientação ideológica que assumem.

Nessa direção, é possível dizer que ambos os perfis atuam no sentido de reforçar a ideia de que as notícias, mesmo que rabiscadas, tratam-se de um conteúdo jornalístico. E, para isso, cada *Caneta*, a seu modo, faz uso tanto da linguagem verbal quanto de recursos visuais e imagéticos, buscando imprimir, em cada um desses rabiscos, sua visão de mundo acerca dos fatos noticiados.

Por assim ser é que, seja o gênero assinado ou não (nesse caso, os *posts* são assinados pelas *Canetas*, e não por sujeitos empíricos), a autoria se refere a uma posição de autor (*persona*) inscrita no gênero, e não a um sujeito empírico (físico). Sendo assim, pode-se afirmar que, no presente caso, embora o gênero evoque a mesma *persona* (qual seja: a figura de um especialista, daquele que sabe o que diz) dos artigos jornalísticos, a configuração dos textos analisados é diferente, porque, em relação ao artigo jornalístico canônico, constitui-se, também por uma voz de autoridade, mas agora a autoridade é do leitor que, não aquiescendo com a informação do jornalista, rabisca/refaz seu texto, a fim de dotá-lo de veracidade. O leitor, portanto, autor do novo texto, tem mais autoridade que o jornalista, para o dizer, sendo esse o cenário de emergência dos *posts* analisados.

¹⁹ A análise aqui apresentada está centrada nesta categoria, embora muitas outras estejam indicadas na literatura dos ETO, por uma questão de recorte de análise e da natureza da amostra constituída para a investigação.

Por esse aspecto, explicita-se justamente que a *persona* (dos *posts*) projetada pelas Canetas, de forma criativa, rompe a relação assimétrica e hierárquica até então consolidada entre jornalista e leitor, uma vez que elas, na medida em que publicam os *posts* de Instagram, contendo notícias jornalísticas clássicas reformuladas, tomam para si o lugar do especialista, ou melhor, de um especialista jornalístico, e assim se colocam em relação aos seus seguidores da rede social, invertendo (/subvertendo), com isso, o jogo discursivo, pois estabelecem, à sua maneira, um novo discurso sobre a realidade.

Diferem dos textos jornalísticos, portanto, pela própria organização visual do gênero, tendo em vista que a imagem visual dos *posts* analisados põe em evidência o poder do leitor, que se opõe, por meio da atividade de “rabiscar”, ao dizer do autor. Desse conjunto de questões, pode-se inferir que as Canetas parecem denunciar e descredibilizar o tom jornalístico, agora visto como nem sempre confiável, ao ponto de se precisar desfazer essa hierarquia ou essa relação assimétrica (jornalista vs. leitor). Adverte-se, porém, que as *personas* indiciadas em uma Caneta e outra são ideologicamente opostas (uma evocando discursos de direita e outra, de esquerda), e cada grupo toma o outro como tendo uma identidade muito bem recortada (eles são “a direita”, e eles são “a esquerda”).

Nesse ponto, vale lembrar que uma estratégia política, de um grupo e de outro, no debate polarizado em que se assenta a vida pública (no Brasil e no mundo), tem sido a de discursivizar o rival em termos generalizantes, abstraindo-se, para isso, justamente a pluralidade típica de cada grupo. Forjam-se, com isso, identidades muito bem delimitadas e, por isso, passíveis de serem refutadas mais facilmente.

Avançando um pouco mais, e tendo em vista que (i) há muitas maneiras de *ser de esquerda* e de *ser de direita*, e que (ii) a orientação dos dois grupos parece ser muito polarizada, pode-se notar que, enquanto o grupo (a) *Caneta Desmanipuladora* põe em tela textos cujos temas são mais voltados ao funcionamento das instituições, o outro grupo, (b) *Caneta Desesquerdizadora*, põe em tela textos cujos temas evocam a oposição capitalismo vs. comunismo – uma evidência de que a orientação ideológica de cada grupo faz com que eles se voltem para diferentes aspectos da realidade, a fim de os discursivizar. Os grupos (a) e (b) apresentam, portanto, duas orientações ideológicas contrastantes, dois conjuntos diferentes de interesses, e dentro desse conjunto de interesses é que as próprias formas linguísticas são selecionadas e significadas, porque é no todo projetado da enunciação que elas podem ser agenciadas de uma dada maneira (e não de outra), conforme literatura dos ETO, em diálogo com os ECB.

Sendo assim, uma vez que são as *personas* diferentes, em termos de tons assumidos (direita e esquerda), pode-se considerar que todo o agenciamento dos recursos linguísticos ocorre diferentemente, pois esses perfis (a) e (b), em termos ideológicos, orientam-se de forma diferente, apesar de se tratar, como visto, de mesma *persona* (o especialista), o que significa dizer que o agenciamento desses recursos linguísticos está sujeito ao tom que a *persona* assume no gênero em questão. Se o agenciamento desses recursos linguísticos depende desse quadro de gênero, verifica-se que o significado de cada forma em particular depende de todo o conjunto; e as formas de fenômenos variáveis ganham também significado nesse cenário, adquirindo o tom da totalidade discursiva projetada.

A fim de se discorrer mais detidamente acerca da *variação lexical* (mas não de uma *variação lexical* em sentido clássico), na tentativa de mostrar que, se os recursos variáveis entram “no mesmo lugar” da cadeia paradigmática, em termos discursivos não se equivalem, pois projetam diferentes perspectivas (visões de mundo), e onde um ocorre, não pode ocorrer o outro²⁰, apresentam-se, a seguir, de modo contrastivo, seis publicações (tomadas como representativas de todos os textos analisados, dado o mesmo movimento constitutivo), três de cada perfil, para tecermos breves observações.



F FOLHA DE S. PAULO

DESTRUIR
Guedes defende ~~flexibilizar~~ legislação
trabalhista para atender vulneráveis
EM TROCA DE PAGAMENTO PRECARIZADO

Figura 2 – Post da *Caneta Desmanipuladora*.

Fonte: Instagram (2020). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIn18UFpB19/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 04 nov. 2021.



Caneta Desesquerdizadora
@Desesquerdizada

Passageiro reage a tentativa de assalto e cancela CPF de bandido a ônibus e mata suspeito em Salvador

Passageiro estava em um ônibus que fazia a linha a Paripe-Rodoviária, quando ~~sacou a arma e atirou no~~ **SE DEFENDEU E CANCELOU BÂNDIDO** ~~suspeito~~ que assaltava o coletivo.

Por G1 BA

Figura 3 – Post da *Caneta Desesquerdizadora*.

Fonte: Instagram (2021). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKaP--rHuRM/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 04 nov. 2021.

Alguns indícios dessa nossa compreensão de que a *variação lexical* pode ser condicionada também discursivamente²¹ podem ser depreendidos das figuras precedentes. Na Figura 2, o grupo (a) *Caneta Desmanipuladora* reescreve o discurso de um certo grupo de direita (do texto jornalístico clássico). No “rabisco”, nota-se que, enquanto a direita agencia “flexibilizar”, a esquerda agencia “destruir”. Em termos de descrição do evento, os itens estariam em variação, mas, na verdade, o trabalho da Caneta mostra que os termos funcionam em discursos específicos, alterando, com isso, a própria descrição do evento, ao se agenciar um ou outro.

Não estamos sugerindo, com isso, que o grupo de esquerda entenda que os termos sejam sinônimos, ou melhor, que sejam *formas alternativas de dizer a*

²⁰ De modo mais radical, portanto, não podemos considerar que as variantes de um fenômeno variável se equivalem (nem em termos de significado referencial), nos ETO.

²¹ Não estamos considerando que toda variação lexical é condicionada, prioritariamente, por questões discursivas, tendo em vista que a literatura do campo variacionista dá conta de condicionamentos prioritários de outra natureza (de que os fatores geográficos são um bom exemplo). A questão é que estamos considerando neste texto um tipo de condicionamento que também passa a importar ao campo variacionista, dados os interesses dos ETO, conforme literatura examinada.

mesma coisa, em termos de significado referencial, uma vez que esse significado não é suficiente para que os termos, no enunciado, sejam agenciados, porque, atrelado a ele, está o significado social e discursivo – e os falantes sabem disso pela prática social, ainda que espontaneamente.

E, justamente por isso, embora não se possa inferir que a esquerda entenda que “flexibilizar” e “destruir” sejam as mesmas coisas, ela está enquadrando o discurso do outro como se assim entendesse, como se, para o outro, estivesse claro que “flexibilizar” é “destruir” – a direita sabe que “flexibilizar” equivale a “destruir”. Por isso é que estamos considerando o exemplo como um caso de *variação lexical*, conforme o escopo da discussão deste texto.

Contudo, vale a pena destacar que tanto a direita (texto jornalístico primeiro) quanto a esquerda (representada pelo rabisco) compreendem, ainda no texto sob exame, que o trabalhador é parte vulnerável da relação entre empregador e empregado, uma vez que essa relação, pelos dois grupos, é tomada como assimétrica: veja-se que o termo “vulnerável”, utilizado pela direita, não é rabiscado pela esquerda, mas, ao contrário, é reforçada a ideia da vulnerabilidade com o acréscimo de “pagamento [pelo trabalho] precarizado”, buscando sensibilizar e convencer o leitor da situação precarizada do trabalhador brasileiro frente ao governo que hoje vigora, representado pela pessoa do Ministro da Economia, Paulo Guedes.

Essa visão de mundo é sustentada, ainda na Figura 2, por outra via diferente. Nota-se que tanto a reescrita quanto o acréscimo textual, ambos vistos anteriormente, colocam em evidência o poder do leitor, que refuta o dizer do autor, o que quer dizer: o grupo (a) estabelece uma oposição ao discurso da direita, quando, a sua maneira, o reescreve, e não apenas isso, uma vez que complementa o texto, visando desatenuar a escrita anterior e, com isso, potencializar o sentido do termo “vulneráveis”. Assim, ao incorporar a *persona* do especialista, com autoridade, a Caneta reescreve publicamente a notícia jornalística de uma certa direita, mas agora pelos dizeres de uma certa esquerda, ações que demonstram que a *variação lexical*, tomada por nós como condicionada discursivamente, não se trata de uma *variação lexical* em termos clássicos.

Já na Figura 3, o outro grupo analisado, (b) *Caneta Desesquerdizadora*, “rabisca” os termos acionados por uma certa esquerda, substituindo-se “tentativa [de assalto]” por “assalto”, “mata” por “cancela CPF”, “suspeito” por “bandido”, e, por fim, “sacou a arma e atirou” por “se defendeu e cancelou”. Veja-se que o texto jornalístico escrito por uma certa esquerda, em sua integralidade, compreende que, tendo em vista a reação de um dos passageiros a uma “tentativa de assalto” a ônibus, houve a morte do “suspeito” de ter cometido o crime, já que pressupõe que, na fase de execução do crime – isto é, a do cometimento (consumação) da ação criminosa em si (ESTEFAM, 2018) –, não havendo processo criminal, o indivíduo não pode ser considerado acusado, mas suspeito, enquanto estiver o caso sob investigação.

Assumindo um tom diferente (mais agressivo e sarcástico), a (b) *Caneta Desesquerdizadora* chama a atenção do leitor ao reescrever “tentativa [de assalto]” por apenas “assalto”, para dar a entender que, sem dúvidas, houve um crime (e não a tentativa de um crime). E, mais do que isso, o grupo que rabisca entende que o passageiro estava correto, ao defender-se, rabiscando “sacou a arma e atirou”, e

substituindo por “se defendeu”, buscando, com isso, atenuar e justificar a (re)ação do passageiro, de ter sacado a arma e disparado contra a vida do suspeito/bandido. Nesse ponto, vale observar que a escolha aparentemente despreziosa dos termos (ação vs. reação) nessas duas narrativas, a do texto integral e aquela do texto rabiscado, põe em relevo, uma vez mais, justamente a polaridade desses grupos (esquerda vs. direita) no cenário atual, que indiciam diferentes posicionamentos ideológicos em relação ao evento que narram, alterando, com isso, o próprio evento. Assim, ora o passageiro é visto como aquele que age contra a vida do outro (a esquerda), ora é tomado como aquele que reage para defender a sua própria vida (a direita).

Além disso, chama atenção o modo com que esse indivíduo (suspeito vs. bandido) é visto, pondo em relevo, então, essa polarização. Na narrativa da esquerda, ele é o suspeito, que pode ter cometido o crime e que está sujeito ao processo legal; e, na da direita, ele é o bandido, que, embora também sujeito ao processo legal, já é considerado culpado. Vale destacar, ainda, a reescrita que parece sarcástica e agressiva de “mata” por “cancela CPF”, uma vez que, ao apresentar o neologismo semântico “cancelamento”²², o grupo (b) passa a se referir de forma repreensiva à vida do indivíduo, o qual, por ser “bandido”, deve (e não só deve, como merece) ser morto pelas mãos de um cidadão comum, personificado no passageiro, que estaria reagindo para se defender “do mal”, estando o “bandido” já condenado, nos dizeres da direita, e, por isso, passível de ser aniquilado. Observem-se agora as novas figuras a seguir:

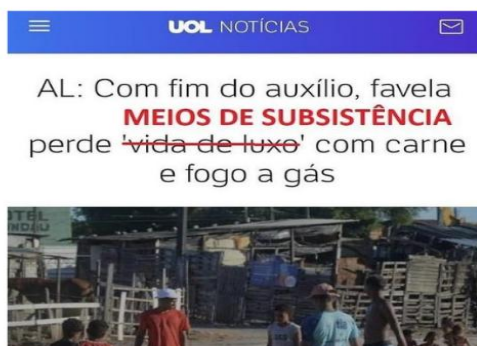


Figura 4 – Post da Caneta Desmanipuladora

Fonte: Instagram (2020). Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CJbiLWepzom/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 04 nov. 2021.



Figura 5 – Post da Caneta Desesquerdizadora

Fonte: Instagram (2021). Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CKovkRFHQuj/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 04 nov. 2021

²² Sobre o neologismo “cancelamento”, cf. Neoscópio Laboratório de Neologismos, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em: <https://www.instagram.com/p/COgGv3mjAbN/>.

Na Figura 4, quem risca é a esquerda, reescrevendo, ao seu entendimento, “vida de luxo” por “meios de subsistência”, uma vez que, referindo-se ao auxílio emergencial custeado pelo Governo Federal, desde o início da pandemia, para ajudar famílias carentes a manterem-se financeiramente, buscam chamar a atenção do leitor para o fato de que o acesso à alimentação e gás de cozinha (a que tiveram por conta do referido auxílio) não se trata de uma “vida de luxo”. Com isso, o grupo que rabisca tenta sensibilizar o leitor sobre o que considera ser dramático (a carência de diversas famílias no sentido de não disporem de acesso a recursos básicos, tais como alimentação).

Na Figura 5²³, em contraste, quem risca é a direita, na tentativa de ironizar o discurso da esquerda (isso porque substituem “criminosos” por “vítimas da sociedade”, dado que, tradicionalmente, a direita acusa a esquerda de tomar esses indivíduos como vítimas, que, a seu ver, não o são). Também se tem o rabisco “ocupar” por “invadir”, uma variação lexical que aponta para diferentes orientações ideológicas (respectivamente, esquerda vs. direita). E, ainda, observa-se a reescrita de “roubam” por “socializam capital” e de “assalto” por “socialização”, importante demanda para a esquerda, vista pela direita como um roubo, um “assalto”, razão pela qual é posta, ironicamente, no rabisco. Nessa direção, verifica-se que a direita rabisca incluindo os termos da esquerda, e, no entanto, quando isso faz, deles se apropria num tom irônico, para ridicularizar o discurso do oponente. Mesmo com termos típicos da esquerda, contudo, o texto assume o tom da direita, um indício de que o significado social das palavras é uma conquista de um todo enunciativo, eventicamente projetado, não um *a priori*.

Veja, ainda na Figura 5, que a direita rabisca “homens foram presos em flagrante”, inserindo “suspeitos foram enviados para a prisão fascista”, produzindo o efeito de ironizar o grupo político de esquerda, que, por vezes, declara combater o fascismo, tomando-o como característico do grupo oponente (a direita). Interessante notar que a direita não apenas reescreve os termos mencionados da manchete, mas modifica sua própria identidade visual para enquadrar o discurso do seu oponente, sarcasticamente alterando o próprio nome da Caneta: de “desesquerdizadora” para “esquerdizadora”.

²³ O texto da Figura 5 trata-se de uma exceção no *corpus*, em que podemos observar que, ao rabiscar como se fosse a esquerda (ainda que essa não se reconheça nesse discurso), a direita enquadra o discurso da esquerda sob sua perspectiva, o que significa dizer, então, que a direita reporta a esquerda, com termos típicos dessa, mas em tom próprio; assim, embora os termos acionados sejam de um lado (de esquerda), nota-se que o tom que eles assumem no texto é de outro lado (de direita). Esse dado é um indício de que o significado social dos recursos linguísticos (e da enunciação) pode estar no tom do texto, no tom de toda a significação, e não nos termos em si.

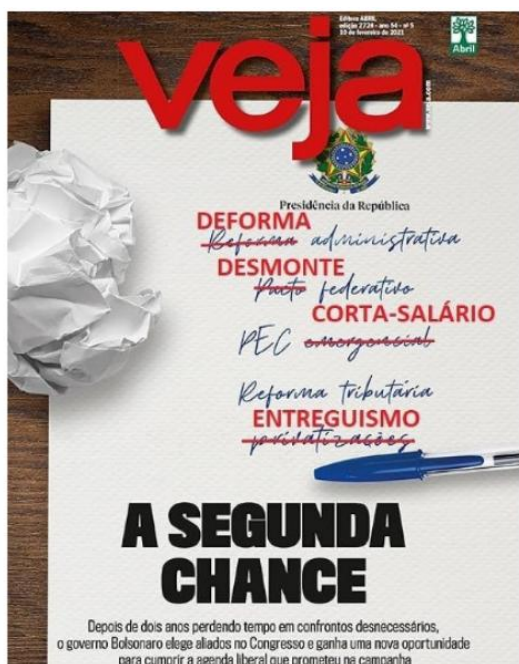


Figura 6 – Post da *Caneta Desmanipuladora*

Fonte: Instagram (2021). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CK7bzcEp dZJ/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 04 nov. 2021.

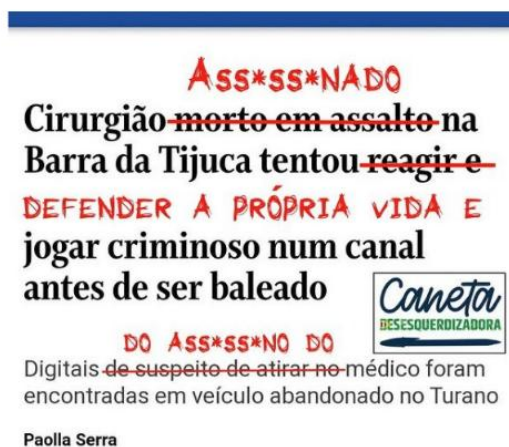


Figura 7 – Post da *Caneta Desesquerdizadora*

Fonte: Instagram (2021). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVeWQset H80/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 04 nov. 2021.

Por fim, na Figura 6, a esquerda risca o discurso da direita, (re)enquadrando-o, na medida em que substitui, em sequência, “reforma [administrativa]” por “deforma [administrativa]”, “pacto [federativo]” por “desmonte [federativo]”, “[PEC] emergencial” por “[PEC] corta-salário” e, finalmente, “privatizações” por “entreguismo”. Todos os rabiscos demonstram a insatisfação da esquerda com o modo com que o governo avança, na condução de pautas levantadas por uma certa direita, e, esse último rabisco, em particular, parece não apenas contestar, mas, inclusive, afrontar o Governo.

Note que todos esses termos rabiscados, portanto, são demandas fundamentais para uma certa direita, profundamente rejeitada por uma certa esquerda, mas que, apesar dessa polarização discursiva, a configuração visual do texto deixar ver que esses dois lados antagônicos têm em comum o interesse em avançar com a “reforma tributária”, possivelmente cada um, a seu modo, defendendo interesses típicos, mas que não são explicitados, ao menos sobre esse ponto, nos textos em questão.

Já a Figura 7, onde quem risca é a direita, observa-se que, embora os termos “assassinado” e “morto em assalto” possam evocar, no contexto, um mesmo significado referencial (“morto”), o peso discursivo, o significado social que ganha “assassinado” pode ter mais impacto e, portanto, mais chances de gerar comoção nos leitores, do que “morto em assalto”. Note que, mais uma vez, tal como na Figura 3, a direita opõe “tentou reagir” a “defender a própria vida”, termos que, de certo modo, também são alternativos em relação ao significado referencial, mas

que, como se pode observar, evocam valores sociais diferentes, uma vez que “defender a própria vida” tem uma conotação subjetiva muito maior que o termo anterior. Justamente por isso, pode-se afirmar que quem está riscando aqui (a direita) tenta convencer o leitor da gravidade da notícia, e, por outro lado, quem escreveu parece buscar atenuar o fato.

Uma síntese da análise aqui empreendida pode ser assim apresentada:

| Análise Contrastiva – Porque um estilo se organiza em relação a outro. | | | | |
|---|--|---|---|--|
| Esfera | Jornalística (em meio digital) | | | |
| Gênero | “Post em Instagram” que se inspira no texto jornalístico clássico, reconfigurando, contudo, seu tom, por meio de uma reconfiguração da relação escritor/leitor. | | | |
| Persona | A <i>persona</i> inscrita no gênero é a do especialista, embora agora o especialista seja o leitor (autores das Canetas) e não o jornalista canônico. | | | |
| Conteúdo Temático | Caneta Desmanipuladora | | Caneta Desesquerdizadora | |
| | Trata de temas que mais se voltam ao funcionamento das instituições, versando, dentre outros temas, sobre política, economia, educação, políticas públicas, COVID-19 e a atuação do governo Bolsonaro, tudo isso em tom de protesto/contestação. | | Trata de temas que mais se voltam para a divisão capitalismo vs. comunismo, e, também criminalidade, intervenção mínima do Estado na vida pública e defesa da propriedade privada, tudo isso em tom sarcástico, irônico e mais agressivo. | |
| Campo Lexical | Item/construção lexical acionado pela <i>persona</i> de direita | Item/construção lexical inserido pela <i>persona</i> de esquerda | Item/construção lexical acionado pela <i>persona</i> de esquerda²⁴ | Item/construção lexical inserido pela <i>persona</i> de direita |
| | Flexibilizar (Fig. 2) | Destruir (Fig. 2) | Reage a tentativa de assalto (Fig. 3) | Cancela CPF de bandido (Fig. 3) |
| | Vida de luxo (Fig. 4) | Meios de subsistência (Fig. 4) | Sacou a arma e atirou (Fig. 3) | Se defendeu e cancelou bandido (Fig. 3) |
| | Reforma administrativa (Fig. 6) | Deforma administrativa (Fig. 6) | Criminosos invadem (Fig. 5) | Vítimas da sociedade ocupam (Fig. 5) |
| | Pacto federativo | Desmonte | Roubam | Socializam capital |

²⁴ Retome-se que o texto na Figura 5 é uma exceção no *corpus*, conforme nota de rodapé nº 23.

| | | | |
|-----------------------------|-------------------------------|--|---|
| (Fig. 6) | federativo (Fig. 6) | (Fig. 5) | (Fig. 5) |
| PEC emergencial (Fig. 6) | PEC corta-salário (Fig. 6) | Assalto (Fig. 5) | Socialização (Fig. 5) |
| Privatizações (Fig. 6) | Entreguismo (Fig. 6) | Homens foram presos em flagrante (Fig. 5) | Suspeitos foram enviados para prisão fascista (Fig. 5) |
| . | . | Caneta Desesquerdizadora (Fig. 5) | Caneta Esquerdizadora (Fig. 5) |
| . | . | Morto em assalto (Fig. 7) | Assassinado (Fig. 7) |
| . | . | Tentou reagir (Fig. 7) | Tentou defender a própria vida (Fig. 7) |
| . | . | Suspeito de atirar (Fig. 7) | Assassinado (Fig. 7) |

Quadro 1 – Especificação das questões gerais observadas na análise, conforme revisão de literatura.

Fonte: As autoras.

Por essa sistematização, depreende-se que, como a linguagem verbal e os recursos visuais/imagéticos utilizados pelos grupos (a) e (b) (na tentativa de reportar a realidade de uma dada maneira e imprimir orientação e tom próprios) apontam para diferentes *personas*, os termos rabiscados, especificamente considerando o código verbal, são indicativos de que, embora, por hipótese, possam ser tomados como formas alternativas para um mesmo significado referencial, em alguns casos, não podem funcionar no mesmo discurso, porque eles estão carregados de valores que funcionam só em discurso próprio (e não alheio).

Nesse sentido é que a *variação lexical* é tomada, neste texto, como variação motivada discursivamente, dado que, como indiciado na análise, embora os recursos entrem no mesmo lugar da cadeia paradigmática, projetam diferentes perspectivas sobre os eventos (construindo, ao final, o próprio evento, e não apenas relatando-o), sendo essa a motivação para a diferenciação estilística (/linguística) dos textos, ponto de fundamental interesse para os ETO. E, conforme visto, no estilo em que um recurso linguístico ocorre, com um determinado tom e/ou significado, não pode ocorrer outro recurso de tom e/ou significado típicos de discurso antagônico (considerando especificamente estilos de discursos que estão em oposição).

Retome-se, por exemplo, que, na Figura 5, o grupo de direita, mesmo agenciando termos típicos dos discursos de esquerda, não deixa dúvidas de que o texto é de direita, considerando o tom que essas formas assumem no texto, na totalidade da enunciação. Não se trata, portanto, de análise de formas, mas de análise de formas em um estilo de discurso, conforme *persona* (do gênero) atualizada no texto: mais do que uma seleção de recursos gramaticais e lexicais, o estilo é, antes, uma visão de mundo, em busca do quê parecem estar os ETO, para compreensão da vida social.

4. Considerações finais

De maneira geral, este texto lança luz sobre a possível relação que se estabelece entre estilo (de vida) e variação estilística, considerando que essa relação é contraída no âmbito dos gêneros do discurso, conforme literatura dos ETO, em direto diálogo com os ECB. Essa perspectiva nos conduziu à seleção do gênero *posts* de *Instagram*, todos eles retirados dos perfis das Canetas, para a realização de análise contrastiva.

Em nossa compreensão, da discussão pode-se depreender que a *variação lexical* pode ser condicionada discursivamente, e, por isso, relativizamos a noção de que, no uso efetivo da língua, examinado no interior de práticas específicas, como a prática discursiva, variantes linguísticas sejam *formas alternativas de dizer a mesma coisa*, porque, conforme dados analisados, o significado referencial já não é mais suficiente para que os termos sejam agenciados no enunciado, uma vez que, a ele, já estão vinculados significados sociais prévios e evênticos, que emergem do tom, da significação de toda uma enunciação (e não por eles, em si) (cf. análise da Figura 5).

Assim, ainda que os recursos variáveis estejam no mesmo lugar da cadeia paradigmática, não se pode dizer que, em termos discursivos, sejam equivalentes, justamente tendo em vista que podem projetar diferentes visões de mundo/modos de ser, e onde um ocorre, o outro não pode ocorrer, já que as variantes, quando consideradas como um recurso estilístico são funcionalmente diferentes (COUPLAND, 2001).

Esse tipo de discussão, que articula discurso, texto, forma (e função), embora ainda tecido aqui de modo modesto parece ser bastante profícuo para o campo variacionista, pela via de sua terceira fase, que, nas palavras de Eckert (2012), está em sua infância. Sigamos com as investigações sobre a complexa terceira onda variacionista, sobretudo com interesse no que, por ela, podemos descortinar, pelo exame da organização discursiva, sobre as práticas sociais no mundo pós-moderno.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O problema do autor. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 173-192.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 7 ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 2014, p. 211-362.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAUMAN, Richard. The ethnography of genre in a Mexican market: form, function, variation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 57-77.

BELL, Allan. Language style as audience design. *Language in Society*, vol. 13 (2), 1984, p. 145-204.

BELL, Allan. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.

BORGES NUNES DE SOUZA, Carlos César; LOPES, Norma da Silva. Comunidade de prática, indexicalidade e estilo: subsídios teórico-metodológicos para uma pesquisa sociolinguística de terceira onda. *Revista Philologus*, Ano 26, n. 76. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL), jan./abr.2020. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO26/76supl/17.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança*: reflexões a partir da expressão do futuro do presente. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. Accent, (ING) and the social logic of listener. *American Speech*, Durham, v. 82, n. 1, p. 32-64, 2007.

COUPLAND, Nikolas. Language, situation, and the relational self: theorizing dialectstyle in sociolinguistics. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 185-210.

COUPLAND, Nikolas. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Blackwell: Oxford, 2000.

ECKERT, Penelope. Variation, convention and social meaning. *Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland CA, jan. 7, 2005.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, 12/4, p. 454-476, Oxford: Blackwell, 2008.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, jun. 2012.

ECKERT, Penelope. Third wave variationism. *Oxford Handbooks Online*, 2016. Disponível em:

<http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ECKERT, Penelope. *The Third wave in sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em

https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

ESTEFAM, André. *Direito Penal*. Parte Geral. Arts. 1º a 120. 7 ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GREGOL, Fernando Arthur; SOUZA, Tatiana Fasolo Bilhar de; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. O gênero multimodal “Post em Facebook” e suas configurações no ideário do círculo de Bakhtin. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 9, n. 16, p. 371-386, jan./jul. 2020. Disponível em:

<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/2123/1317>. Acesso em: 04 nov. 2021.

GRIGOLETTO, Evandra. Reflexões sobre o funcionamento do discurso outro: de Bakhtin à Análise de Discurso. In: ZANDWAIS, Ana. (Org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005. p. 116-131.

IRVINE, Judith. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 21-43.

LABOV, William. *The social motivation of a sound change*. *Word* 19, 1963, p. 273-309.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: B. Blackwell, 2001.

LABOV, William. *The social stratification of english in New York City*. 2 ed. New York: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LACERDA, Marcela Langa; GÖRSKI, Edair Maria (2022). POTENCIAL ANALÍTICO DOS GÊNEROS DO DISCURSO PARA OS ESTUDOS VARIACIONISTAS. In: *SciELO Preprints*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5030>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MANHÃES, Thais Lara Costa. Revisitando articulações teórico-metodológicas para o tratamento de fenômenos em variação/mudança. In: *Anais da Jornada de Iniciação*

Científica da UFES. Volume 12, Vitória: PRPPG, 2021. Disponível em: <https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/desc.php?&id=16959>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MEDVIÉDEV, Pavel. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

MENDES, Ronald Beline. A terceira onda da sociolinguística. In: José Luiz Fiorin. (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 103-123.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHILLING, Nathalie. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; CHILLING, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. 2 ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 327-349.

SCHILLING-ESTES, Natalie. Stylistic variation and the sociolinguistic interview: a reconsideration. In: *25 Años de Linguística Aplicada em España: Hitos y Retos: Actas Del XXV Congreso Internacional de La Asociación Española de Linguística Aplicada (AESLA)*, Murcia, 2007, p. 971-986. Disponível em: <http://www.um.es/lacell/aesla/contenido/pdf/9/schilling.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, v. 23, p. 193-229, 2003.

SOUZA-SILVA, André Luiz. LUCENA, Rubens Marques de. A variável sexo/gênero em estudos sociolinguísticos: um panorama das três ondas. *Revista ProLíngua*, v. 16, n. 1 – jan./jul. de 2021, p. 178–188. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2021v16n1.58239>. Acesso em: 20 mai. 2022.

TAGLIAMONTE, Sali. A. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Cambridge: Wiley - Blackwell, 2012.

VOLOCHÍNOV, Valentin. N. (do Círculo). A construção da enunciação. In: VOLOCHÍNOV, Valentin. *A Construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 157-188.

ZANDWAIS, Ana. Relações entre a filosofia da práxis e a filosofia da linguagem sob a ótica de Mikhail Bakhtin: um discurso fundador. In: ZANDWAIS, Ana. (Org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005. p. 83-100.

ZHANG, Qing. A Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new professional identity. *Language in Society*, Cambridge University Press, v. 34, p. 431-466, 2005.

Para citar este artigo

MANHÃES, Thais Lara Costa; LACERDA, Marcela Langa. Análise contrastiva de *posts* do Instagram dos perfis *Caneta desmanipuladora* e *Caneta desesquerdizadora*: um encontro entre a terceira onda variacionista e escritos bakhtinianos. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 3, p. 980-1006, set.-dez. 2022.

As autoras

Thais Lara Costa Manhães é graduanda em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisadora do projeto "Articulações teórico-metodológicas para o tratamento de fenômenos em variação/mudança". E-mail: thais.manhaes@edu.ufes.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3485-4824>

Marcela Langa Lacerda é doutora em Linguística. Docente na Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas e Letras, Vitória, ES, Brasil. E-mail: marcela.lacerda@ufes.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8824-8339>